



Escritor e ativista político francês (1924 – 1971), cego desde os 8 anos. Participou do movimento de resistência francesa à ocupação nazista, sendo preso em um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial. Na prisão, motivou o espírito de resistência e sobrevivência seu e de seus companheiros. Faleceu em um acidente de carro, quando se preparava para dar a palestra “Contra a poluição do eu”, cujo trecho está aqui publicado.

Lusseyran J. *Contra a poluição do eu*. São Paulo: Liga dos Usuários e Amigos da Arte Médica Ampliada, 2003. p. 9-10.

Jacques Lusseyran¹

Comecei dizendo: o eu é frágil. Em cada um de nós, o eu não é um bem que possuímos, um conjunto de qualidades das quais podemos nos orgulhar. Não, o eu é apenas um impulso, no máximo um impulso. O eu é uma força que está apenas nascendo. É uma promessa que é feita ao ser humano de um dia poder existir, tal como o universo existe; de um dia poder olhar o mundo com olhos abertos e olhar para si mesmo e reconhecer que existe uma ordem, uma relação necessária entre o universo e a individualidade.

Enfim, o eu é por enquanto tão pequeno, que um quase nada basta para tirá-lo de dentro de nós. Então o que observo é que estão fazendo uma guerra contra o eu de cada um.

Falemos do eu, do verdadeiro eu. Vamos tentar.

O que chamo de eu é esse movimento, esse impulso que me permite servir-me dos quatro elementos desta Terra na qual vivemos e também da minha inteligência e das minhas emoções, e até de meus sonhos. Enfim, *o eu é uma força que me dá um poder que nenhuma outra força dá*: a força para não ficar esperando passivamente que a vida venha a mim para vivê-la. O ego tem a necessidade de coisas, o maior número possível de coisas, daquelas coisas que denominamos dinheiro, reputação, aprovação, poder, recompensas.

O eu não pede, não busca nada disso. Se o eu existe, se está ativo e faz opções, o eu compara um mundo com o outro. O eu é uma *riqueza* no meio da pobreza. O eu é o *interesse pelo próximo*, quando todos em volta estão indiferentes. O eu é a *esperança* quando todas as possibilidades objetivas de esperança desapareceram. É do eu que provêm todas as *invenções* dos homens. O eu é o que nos resta quando todas as coisas, tudo o mais nos foi retirado, quando nada mais nos chega de fora. O eu é aquele que faz com que nossas forças interiores sejam suficientemente grandes para compensar a falta de coisas.